

## ORIENTAÇÕES & SUGESTÕES

### A PREPARAÇÃO DO III ENCONTRO DOS BIBLIOTECÁRIOS E ARQUIVISTAS PORTUGUESES

Foi sobremaneira oportuno o aparecimento desta rubrica no último número de «Cadernos», e só esperamos que ela se mantenha aberta até ao III Encontro.

Por nossa parte, apoiamos, sem qualquer reserva, as sugestões então apresentadas pela nossa colega Maria Teresa Pinto Mendes. E, aproveitando a iniciativa, vamos procurar continuá-las e acrescentar-lhes mais algumas.

Passaram já três meses sobre o II Encontro, e a aproximação do Encontro no Porto, a pouco mais de um ano, obriga-nos a dar começo imediato às nossas actividades com vista a uma preparação e colaboração consistentes.

De acordo com as lições que, dia a dia, se vão tirando de todo o trabalho realizado nos dois Encontros anteriores, e segundo as conclusões então votadas, os bibliotecários e arquivistas do Norte deram já os primeiros passos na organização do II Encontro, esperançados de que este se integre na continuidade daqueles, e não desmereça o êxito até agora atingido.

Mas, porque o Encontro é *no* Porto, e não *do* Porto, a comissão executiva que se há-de formar, embora contenha uma maioria indispensável de colegas desta cidade, deverá ter representantes dos outros grandes núcleos culturais do país, e necessitará absolutamente, como é óbvio, da colaboração activa de todos os bibliotecários, arquivistas e documentalistas.

No entanto, há aspectos de conteúdo e critérios que importa serem discutidos e assentes desde já e, para isso, conta-se com as achegas de todos os colegas, quer nesta mesma secção de «Cadernos», quer directamente para a Secretaria do II Encontro (Biblioteca Pública Municipal — Jardim de S. Lázaro — Porto).

Limitamo-nos, por agora, a apontar algumas das mais importantes bases a ponderar.

#### 1. Especialização ou divulgação?

Depois dos dois primeiros Encontros, tem sido, até agora, opinião geral que os trabalhos comunicações a apresentar e a considerar sejam essencial e exclusivamente técnicos.

Portanto, segundo este critério, o III Encontro decorrerá entre iniciados, os assuntos serão tratados e discutidos por especialistas e para especialistas; e, muito naturalmente, para

o leigo haverá talvez um ou outro ponto ao alcance do seu interesse, mas, de certo, raramente lhe ficará lugar e oportunidade de levantar intervenções válidas.

A divulgação (referimo-nos aqui a divulgação científica) pode sempre fazer-se em artigos, livros elementares, secções de «perguntas e respostas», palestras, etc., a um nível que baste ao leitor e investigador para se guiar numa biblioteca ou num arquivo.

O pouco tempo das sessões do Encontro não estaria, deste modo, sobrecarregado com questões há muito resolvidas e conhecidas, e seria inteiramente destinado aos problemas técnicos de maior interesse e urgente solução.

## 2. Debates prévios

Outro ponto em que nos permitimos insistir, e que já foi posto em relevo no número anterior, é a conveniência de que os trabalhos, quando forem entregues ao Encontro, tenham sofrido discussões prévias, de modo a facilitar a apreciação geral e final daquela assembleia.

Neste sentido, tem-se mostrado particularmente eficaz a experiência dos grupos de trabalho, constituídos quer naturalmente, entre bibliotecários ou arquivistas da mesma instituição, quer entre colegas interessados ou que se possam interessar pelo mesmo problema.

Daqui, sugerimos a formação de tais *grupos* que possam reunir facilmente desde já; e quanto aos trabalhos individuais, seria de solicitar, sempre que possível, a opinião de outros especialistas que neles possam colaborar de algum modo.

Ao mesmo tempo que se evitaria as discussões «em primeira mão», na maioria sempre estéreis em reuniões tão numerosas, os trabalhos seriam garantidos, desde logo, com um bom apoio nos debates finais.

## 3. As secções

As três secções principais serão, compreensivamente, dedicadas a Biblioteconomia, a Arquivística e a Documentação.

Estas, por sua vez, dividir-se-ão em algumas subsecções, de acordo com as sugestões dos bibliotecários, dos arquivistas e dos documentalistas, respectivamente.

Já foram apontados vários temas da maior importância, principalmente no que respeita à ciência biblioteconómica. Esperamos que nos forneçam outros, e há-os, sem dúvida, de grande acuidade.

Quanto à segunda secção, muito terão que nos dizer os colegas que se ocupam destes assuntos. Agora, que se lhes começa a abrir um vasto campo de acção nos arquivos de empresa,

## ORIENTAÇÕES & SUGESTÕES

até aqui — e por quanto tempo ainda? — entregues a *arquivistas* improvisados, é tempo de levar princípios sólidos de arquivoeconomia àquele importante sector arquivístico.

Para a secção de documentação aguardamos o parecer dos documentalistas. Como sempre, reputamos esta actividade daquelas que mais merecem atenção, como um dos principais escopos que é da nossa vida profissional.

Esta secção «ORIENTAÇÕES E SUGESTÕES» encontra-se, portanto, na melhor posição para nela se divulgar e discutir todos os alvires dos Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas Portugueses, com vista à preparação do III Encontro, cuja responsabilidade não cabe só a uns tantos, mas a todos nós.

ANTÓNIO PORTOCARRERO

\*

### BIBLIOTECAS MUNICIPAIS E REUNIÕES REGIONAIS

Há tempos, ao trocarmos impressões com um devotado e qualificado elemento de uma das nossas primeiras bibliotecas municipais, veio a capítulo a necessidade de haver reuniões dos responsáveis das bibliotecas das regiões. A questão foi posta e debatida. Ora dessa útil conversa resultaram alguns pontos que não queremos aqui deixar de assinalar.

1 — As nossas bibliotecas municipais atravessam de há muito uma terrível crise. Estão praticamente mortas. Mortas porquê? Por falta de fundos materiais, por falta de livros modernos e vivos, por falta de pessoal qualificado.

2 — Como sair de tal dificuldade? Ou o problema será insolúvel, dadas as presentes dificuldades? Quer-nos parecer que não. Como ir remediando as questões?

Parece-nos — ao nosso interlocutor e a nós — que, para já, enquanto o problema não tem uma solução de âmbito nacional, se poderia fazer o seguinte, o que era um magnífico passo em frente:

1 — Sob o patrocínio do Governo civil do distrito ou da Junta do mesmo, ou ainda da Câmara da sede do distrito, se efectuasse uma reunião dos responsáveis directos das bibliotecas ou dos seus representantes, e ainda de elementos representativos dos municípios onde não existissem bibliotecas municipais;

2 — Tal reunião teria os seguintes objectivos os seguintes aliás, muito simples:

- a) Dar o estado actual das bibliotecas: existência de espécies, instalações, condições de funcionamento, etc.;
- b) Analisar as razões das deficiências ou até os motivos por que os municípios não têm podido dispor de condições para a criação das suas bibliotecas públicas;

## ORIENTAÇÕES & SUGESTÕES

- c) Avaliar das possibilidades da leitura pública, procurando saber o seguinte: I) quantitativos necessários para a sua instalação; II) organismos oficiais e particulares que, na região, poderiam participar numa campanha para a criação ou desenvolvimento das bibliotecas públicas regionais; III) condições mínimas para o funcionamento de uma biblioteca desse tipo: pessoal, número de horas de abertura, espécies bibliográficas necessárias para uma renovação ou para a criação da instituição, tratamento técnico mínimo a dar-lhe, etc.

Ainda de acordo com a referida conversa, verificou-se igualmente que um dos grandes males da biblioteca municipal portuguesa reside na circunstância de não se estabelecerem com alguma periodicidade reuniões dos responsáveis de bibliotecas adentro de cada região. Se houvesse mais amiudadas trocas de pontos de vista, por certo que as coisas estariam hoje noutra pé, bem mais favorável.

Assim, graças ao entusiasmo daquele devotado técnico, por certo que vai haver uma região no País que nos dará um grande exemplo. Ainda bem. O País bem precisa disso. Que a iniciativa não tarde em corporizar-se.

JORGE PEIXOTO